

Três horas de espera para cuidar da dor

Peito e costas doendo, uma lágrima insiste em cair, mas Cléia segura firme. Durante três horas agüenta o mal-estar causado pela bronquite crônica, esperando atendimento médico. Às vezes até três dias por semana precisa voltar ao hospital. Não consegue respirar direito sem recorrer às nebulizações.

Cléia Gomes Ribeiro, 16 anos, pensa que não tem sorte. Cada vez que vai ao Hospital Regional do Guará (HRGu), encontra muita gente na fila. A mãe dela reclama da ansiedade da menina. "Toda vez é a mesma coisa. Ela se sente mal, mas precisa esperar no mínimo três horas para ser atendida pelo médico", queixa-se a dona-de-casa Aparecida Gomes da Cruz, 43 anos. "Chegamos às 8h30. Já são mais de 11h, e ainda estamos aqui, sem saber quando será nossa vez."

O problema de coluna também faz sofrer Antônio Vital Siqueira, 56. "Já tive dias que cheguei aqui às 7h e só saí às 14h. E ando ruim mesmo. Ninguém me dá atenção, mesmo quando

chego sozinha, cheia de dores", reclama. Ela chegou junto com Cléia Ribeiro e também precisou esperar quase três horas para ser atendida por um clínico geral.

As reclamações na fila do pronto socorro do HRGu não param. "No balcão, eles dizem que não há ortopedista. Então vou apelar para o clínico geral. Tenho uma dor aqui", conta a empregada doméstica Márcia Maria Sousa Carvalho, 38, apontando a perna esquerda, entre a cintura e o joelho.

SOBRECARGA

O diretor do hospital, José Durval Albuquerque Santos, reconhece que os pacientes têm razão em reclamar, que o atendimento é mesmo demorado. Mas justifica que o pronto socorro do HRGu tem capacidade para no máximo 150 pacientes por dia, e atende 300.

"Aqui chega gente do Núcleo Bandeirante, Santa Maria, Colônia Vicente Pires, Ceilândia, Samambaia e até do Entorno. O problema é a quantidade de pacientes. E não podemos per-

der qualidade, por isso a demora", alega o chefe da clínica médica, Luiz Carlos Viola da Silveira. "Tenho ouvido muito os pacientes reclamarem que tentaram outros hospitais e acabaram vindo para o Guará porque tem menos gente, que é mais fácil conseguir consulta."

José Durval alega que o HRGu tem atendimento durante as 24 horas, com equipes no pronto socorro: dois clínicos gerais, dois pediatras e um ginecologista. Na enfermaria da emergência ficam mais um clínico geral e um pediatra. O diretor espera que o programa Saúde da Família, com visitas domiciliares e os programas para melhoria do atendimento nos centros de saúde, diminuam os problemas do hospital.

A diretora regional de Saúde do Guará, Ana Maria Raulino, diz que a primeira equipe do

Saúde da Família da cidade já está sendo treinada. Segundo ela, é formada por um médico, um enfermeiro, três auxiliares de enfermagem e cinco agentes, que vão atuar com a população

que mora em invasões. "Outras três equipes vão atuar nas quadras 32 a 46. E duas ou três serão treinadas para atuar no conjunto Lúcio Costa." Ela afirma que a cada mês deverá ser montada uma nova equipe para trabalhar na cidade.

Luiz Carlos Viola comenta que a qualidade de atendimento da rede pública está sendo fiscalizada pelo Ministério Público. "Os pacientes queixam-se da demora, mas não se queixam da qualidade do serviço oferecido. Nosso problema é a sobrecarga. Precisamos de um pronto socorro maior."

A promotora Juliana Oliveira, que está cobrindo plantão nas promotorias responsáveis por assuntos relacionados à saúde no Ministério Público, explica que qualquer pessoa pode acionar essas promotorias. "Nós fiscalizamos qualidade, higiene nos hospitais, erros e até o horário dos médicos."

SERVIÇO

Promotoria de Justiça de Defesa da Saúde e Promotoria de Justiça Criminal de Defesa dos Usuários dos Serviços de Saúde - 343.9520

**"CHEGAMOS ÀS 8H30.
JÁ SÃO MAIS DE 11H, E
AINDA ESTAMOS AQUI
SEM SABER QUANDO
SERÁ NOSSA VEZ."**

Aparecida Gomes da Cruz
dona-de-casa